



FUI ADOTADA

PELOS MEUS

FILHOS

por Raquel Pinheiro

da coleção
CORAGEM DA ALMA

Dois dias depois, recebemos uma ligação inesperada de uma tia do meu marido nos perguntando se tínhamos interesse em adotar um bebê que era da família. E, por ser da família, teríamos prioridade. Mas só teríamos o resto do dia para tomar a decisão. O juizado tinha pressa em resolver a questão daquele bebê, e só aguardaria uma posição da família até o próximo dia. Ao amanhecer do próximo dia resolvemos entrar em contato e, surpreendentemente, as coisas foram acontecendo rapidamente. No mesmo dia recebemos a visita da assistente social em nossa casa. Acompanhamos ela até sua comarca, numa cidade vizinha, e fomos atendidos prontamente pelo juiz. Este, após conversar conosco já nos propôs que levássemos o bebê naquele dia, mas só deu certo depois de dois dias. Deus nos concedeu o desejo de sermos família para uma criança. Para

FUI ADOTADA PELOS MEUS FILHOS

por Raquel Pinheiro

Em um dia especial e surpreendente, ao ouvir meus filhos conversando entre si. Foi ímpar, jamais vou esquecer. Lucas¹ disse: “Rafaela, quando você fala para a mamãe que você não aceita que não nasceu da barriga dela, está falando porque não quer que ela fique triste, né? Mas a mamãe não fica triste por você não ter vindo da barriga dela. Ela sabe que nós somos presentes de Deus para ela, e o que você está

¹Os nomes citados nessa história foram alterados, são fictícios, para preservar as pessoas envolvidas.

nossa surpresa descobrimos que o bebê já tinha nome, era xará do evangelista Lucas.

Um ano depois, novamente em abril, chegou a irmãzinha. Recebemos uma ligação à meia-noite. Seis horas depois, estávamos indo buscar nossa filha, prematura de 34 semanas, com 20 dias de vida, pesando 1.800 gramas. Desta vez, fomos nós quem escolheu o nome para ela. Rafaela. Primeiro precisamos registrar a menina no nome da mãe biológica e seguir as instruções da assistente social para o processo de adoção. A adoção judicial se deu em 2013, ocasião, naturalmente, comemorada com pizza.

Desde quando o primeiro bebê chegou, senti o desejo de orar pela restauração da mãe biológica deles, não sabíamos muito a seu respeito. A chance de desenvolver uma amizade com Mariana, mãe

casa, participa de uma igreja evangélica, mantém contato diário comigo e conseguiu estabelecer uma relação de amizade com as crianças. Elas chamam a Mariana de tia e a tratam como tal. Relação de respeito e muito carinho.

Nós não escrevemos a nossa história, ela foi escrita por Deus. Ele nos colocou em trajetória, não foi nossa iniciativa. Nós queríamos ser uma família para uma criança. Adotamos, mas, no processo, hoje nos sentimos adotados por eles e pertencentes a uma família muito maior, uma família na qual há muito amor envolvido.



Existimos enquanto rede para promover e apoiar a resposta cristã para os problemas vividos pelas crianças e adolescentes nas mais variadas situações de vulnerabilidade. Cremos no reino de Deus como uma realidade já inaugurada por Cristo. Isto demanda de nós, seus seguidores, atitudes alinhadas com o coração do Mestre em relação à criança, ao adolescente e a pessoa humana em geral. Por isto, queremos que toda criança e todo adolescente experimente a vida plena.

A rede optou por um arranjo informal, não tendo assim personalidade jurídica. O Instituto Lado a Lado, uma pequena agência de comunicação formada para dar amparo legal ao trabalho missionário do casal James e Elsie Gilbert, tem sede em Viçosa, Minas Gerais. O Instituto hospeda a plataforma de comunicação da rede.

Acompanhe-nos por meio de nossas redes sociais:

Instagram: @redemaosdadas

Facebook: RevistaMaosDadas

Site: www.maosdadas.org.br

dizendo não é verdade. A mentira, sim, entristece a mamãe. Você vai ver como ela vai ficar feliz se você falar a verdade.”

O Lucas, com seis anos, resolveu que estava na hora de aconselhar a irmã, de cinco. Estávamos no nosso apartamento em Minas Gerais, onde meu marido trabalhava como músico e eu me dedicava ao cuidado dos nossos dois filhos pequenos. O meu pequeno pegou a irmã pela mão, levou ela para o quarto com o braço em volta dos ombros dela e, com todo o carinho, a orientou.

São irmãos biológicos e meus filhos adotivos. Me impressionei com a incrível capacidade do menino de articular uma verdade tão importante para a irmãzinha.

2

conseguir a lista dos outros irmãos. Descobriu que tinha um irmão e sete irmãs mais velhos que ele e passou a programar encontros com cada um deles.

Com a ajuda da família, programou almoços nos quais ele chamava o irmão e a mãe biológica. Para ele, o encontro mais importante foi com o único irmão, Roberto, que na época tinha 19 anos. Lucas se encarregava de quebrar o gelo, deixando todo mundo à vontade. Foram sete encontros. Uma irmã, já casada, veio de outra cidade para conhecer o Lucas e a Rafaela. Em cada um destes momentos, o que mais me tocou foi ver como Deus de fato usou o Lucas, um menino de apenas 9 anos, para promover um movimento de amor, perdão e cura da Mariana.

Hoje, Mariana tem uma nova vida, venceu as barreiras que a impediam de viver dignamente. Mantém um trabalho que a sustenta, tem sua

biológica dos meus filhos, aconteceu numa tarde na qual nos encontramos quando eu buscava documentos na casa da bisavó biológica das crianças. Houve alguns momentos tensos em que as tias temiam que Mariana exigisse a Rafaela de volta. Mas decidi que o caminho correto era pelo diálogo e bons tratos. Conversei muito com ela e creio que naquele dia o Senhor quebrou barreiras e fez uma amizade brotar. Há nove anos eu caminho com a Mariana. Nunca promovi encontros entre ela e os meus filhos. Resolvi que era mais prudente manter o meu relacionamento com ela separado da maternidade.

Certo dia, estávamos novamente na casa da bisavó das crianças, que já eram mais crescidas. Uma tia falava com Mariana ao telefone quando Lucas disse: “é a Mariana, minha mãe biológica? Deixa eu falar com ela”. A tia se assustou, pediu

Ela compreendeu, foi logo em minha direção e disse: “mamãe, eu aceito que não nasci da sua barriga”. Sua expressão era de alívio. Lucas chamou o pai para o abraço da família e, em seguida, sugeriu “vamos comer uma pizza para comemorar!” Esta frase, na verdade, é muito recorrente para todo momento que ele quer comemorar algo.

Seis anos antes desta conversa, numa terça-feira de abril de 2009, meu marido e eu fomos ao juizado da comarca de Belo Horizonte para iniciar o processo de adoção. A assistente social nos informou que o processo só poderia começar em novembro daquele ano. No caminho para casa passei numa livraria e, por acaso, encontrei entre as prateleiras um cartão com a seguinte mensagem: “quem recebe a uma criança a mim me recebe”. Era um versículo do evangelho de Lucas .

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Você consegue perceber fatores de resiliência nesta história? Onde?
2. Que outras virtudes pessoais você consegue perceber na história que contribuíram para que o protagonista conquistasse vitórias em sua vida?
3. Você acha que coragem é um ingrediente necessário para estas virtudes? De que forma?

minha permissão, e eu dei. “oi, mãe biológica. Tá tudo bem? Onde você mora? Vamos marcar um dia com a minha mãe pra gente ir na sua casa tomar um café.” Não sei o que ela respondeu. Mas as últimas palavras do telefonema foram do Lucas: “olha só, eu e minha mãe, a gente ora por você todos os dias. Fica com Deus, e eu te amo”. O outro lado ficou mudo.

Lucas insistia em fazer contato com a mãe biológica, Rafaela resistia. Nós achamos por bem esperar que a Rafaela estivesse pronta para conhecer a Mariana também. Isto aconteceu logo depois que ela entendeu que a relação de mãe e filha comigo estava segura, mesmo não tendo nascido na minha barriga. Levaram poucos anos.

Em 2017, permitimos que os dois conhecessem a mãe biológica numa festa de aniversário da

família. Antes da festa, eu preparei o coração da Mariana. Ela tinha medo de ser rejeitada. Eu lhe disse: “Mariana, vai tranquila. Eu creio que Deus vai usar as crianças para trazer cura para a sua vida”. Lucas a recebeu como se fosse uma tia. Fez quinhentas mil perguntas, serviu comida para ela, deu atenção, mediou a conversa entre ela e a Rafaela.

Rafaela, mais ressabiada, no caminho de casa perguntou: “Mãe, e se ela quiser levar a gente para morar com ela?” Acalmei o coração dela dizendo: “não teria como, porque você é nossa filha pra sempre”. Diante desta resposta, eu ouvi o Lucas dizer no ouvido da irmã: “viu, Rafaela? Nós somos da mamãe, mesmo.”

Entre as perguntas que o Lucas fez para a mãe biológica naquele dia, ele não se cansou até